

EXPOSIÇÃO

Museu Antropológico da UFG: 45 anos inovando e compartilhando conhecimento

PAINEL 1 - APRESENTAÇÃO

Criado em 1969, numa relação estreita com o Instituto de Ciências Humanas e Letras, então ICHL hoje Faculdade de Ciências Sociais, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, constitui-se como o único museu universitário da região Centro-Oeste que, voltado para a pesquisa antropológica interdisciplinar, se sobressai como um espaço relevante e necessário ao ensino, à pesquisa e à extensão devendo ser levado em conta em qualquer política cultural e acadêmica que a Universidade venha a adotar. Porquanto, ao longo dos seus 45 anos de criação, construiu memórias e patrimônios, representadas por meio da preparação de recursos humanos, da pesquisa, do acervo, das exposições e das ações de cunho educativo.

Nesse tempo, consolidou-se como um dos mais importantes museus da região, demonstrando pioneirismo nos vários campos da Antropologia, de suas interfaces disciplinares e da preservação cultural, demonstrando uma enorme capacidade de inovar, compartilhar conhecimento e de recriar-se em função das demandas de cada época. Referência na conservação e exposição de acervo, na produção e difusão de conhecimento, o Museu Antropológico hoje detém sob a sua guarda cerca de 6.000 objetos etnográficos, mais de 150.000 testemunhos arqueológicos, um rico acervo fotográfico, videográfico, cartográfico, em processo constante de tratamento, documentação e manutenção.

A direção da instituição foi marcada também pela trajetória de servidores técnico-administrativos dedicados, professores e pesquisadores diligentes, alunos ávidos pelo aprendizado e colaboração, doadores generosos, gestores sensíveis, parceiros constantes e amigos incansáveis.

Para marcar este momento comemorativo foi realizada esta mostra expositiva que se propõe a contar um pouco da história do Museu Antropológico. Enfoca os seus momentos iniciais e destaca as colaborações de vários professores de Antropologia e das Ciências Sociais que viabilizaram a sua criação. Transita pelos caminhos percorridos por outros tantos profissionais que dedicaram boa parte da sua vida acadêmica para a sua consolidação e inovação. Ressalta resultados de pesquisas, dos processos organizacionais do acervo, de sua salvaguarda, e da dinamização de suas ações educativo-patrimoniais. Transita por memórias e patrimônios. Dialoga com lembranças de pessoas que acreditaram e sabiam da importância de um Museu Universitário Antropológico. Perpassa por patrimônios construídos com objetos coletados, doados, originados de pesquisas sistemáticas, que compõe um acervo que fala, que está vivo e contemporâneo, que dá voz e mostra a diversidade cultural de pessoas, de grupos, em tempos e espaços distintos, permitindo um viagem pelo tempo e relembando a memória de seu percurso.

Dilamar Candida Martins

PAINEL 1B - NAVEGANDO POR UMA HISTÓRIA DE 45 ANOS

O processo de criação

A história do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás está relacionada às demandas da Universidade, de unidades acadêmicas, de professores, pesquisadores e alunos, dispostos a discutir as articulações das áreas de ensino, da pesquisa e da extensão, com os diversos segmentos da sociedade, a fim de subsidiar e sugerir políticas museológicas responsáveis que respondam aos desafios e questionamentos da atualidade.

Nesta exposição essa narração foi inspirada em lembranças conservadas na memória daqueles que abriram caminhos para a criação do Museu e de outros que, de uma ou outra forma, participaram na construção dessa obra. Os fragmentos dessa trajetória foram buscados em narrações históricas cedidas por testemunhas presenciais que, reproduzidos em processos magnéticos, foram perpetuadas em comunicação escrita e agora passam a conduzir esta mostra. Alguns testemunhos resultam de pesquisas no acervo documental do Órgão.

Nesse movimento, chegamos ao final dos anos de 1960, ainda no século passado! O professor Farnese Dias Maciel era o Reitor da UFG. Na época, vivenciava-se o período de construção acadêmica da maior unidade da Universidade Federal de Goiás - o ICHL -, hoje FCS. Essa unidade era dirigida pela professora Lena Castello Branco Ferreira Costa, a grande responsável pelo convite feito ao Dr. Acary de Passos Oliveira para colaborar com a UFG, na empreitada da criação do Museu Antropológico.

Os contatos iniciais desse Pioneiro foram realizados com os professores de Antropologia e Ciências Sociais do ICHL - Professor Vivaldo Vieira da Silva que à época era chefe do Departamento de Antropologia e Sociologia-, Antônio Theodoro da Silva Neiva e Pe. José Pereira de Maria (*in memoriam*).

As edificações: uma trajetória de mudanças

O Museu Antropológico começa sua trajetória sem sede própria. Ocupa vários espaços, quase sempre associados à vida acadêmica da UFG, sem a elaboração de um plano geral de edificação que pudesse atender suas demandas e especificidades. Nesse percurso, permaneceu em diferentes lugares até fixar-se, em 1993, na Praça Universitária, no prédio construído para abrigar inicialmente a Faculdade de Farmácia e Odontologia da UFG.

O primeiro espaço

O Museu Antropológico se instala inicialmente em uma sala do ICHL, onde hoje funciona a Faculdade de Educação da UFG. Nesse espaço, inaugurado em 1969, permaneceu até o ano de 1971, ocasião em que a mudança do ICHL ocorreu, indo do Campus I para o Campus II, ainda na gestão da professora Lena Castello Branco Ferreira.

Os relatos mostram que o evento recebeu, na ocasião, grande destaque na imprensa nacional e internacional. É neste período que ao grupo inicial se juntam as professoras Edna Luísa de Melo Taveira e Judite Ivanir Breda, ambas pertencentes ao corpo docente do Departamento de

Antropologia e Sociologia do ICHL.

O prédio da Polícia Federal

A mudança do ICHL trouxe como consequência para o Museu Antropológico outra transferência de espaço. No dia 24 de março e 1971 foi transferido para o segundo andar da Escola de Enfermagem, para no dia 25 de setembro de 1973, ser transferido mais uma vez para o térreo da mesma Escola. O Órgão funcionou nesse espaço até o ano de 1978, quando foi deslocado para o prédio, onde por longo período funcionou o Instituto de Artes, e onde encontra-se instalada a Rádio Universitária, frente ao Lago das Rosas, .

O Lago das Rosas

O Museu Antropológico, em 1978, sofre outra mudança e passa a se estabelecer no Lago das Rosas, em espaço compartilhado com a Rádio Universitária.

A praça universitária

Em 1993, o Museu Antropológico se desloca mais uma vez, saindo do Lago das Rosas para a Praça Universitária, onde permanece até os dias atuais. Nesse prédio, composto por três pavimentos, ocupa o térreo, o primeiro e o segundo andares. No térreo estão instalados a Coordenação de Intercâmbio Cultural, os setores de Biblioteca e -----, além da Reserva Técnica de Arqueologia - Salas Judite Ivanir Breda. O primeiro andar foi adaptado para a instalação de dois salões expositivos, destinados à exposição de longa duração e, um terceiro preparado para abrigar exposições de curta duração, as salas da Secretaria Administrativa e da direção do Órgão, e uma sala de aula. O segundo andar foi também adaptado para garantir o funcionamento da pesquisa, com a instalação de laboratórios especializados e de ambiente preparado para a Reserva Técnica Etnográfica, além das Coordenações de Antropologia e Museologia e seus setores específicos. O Laboratório de Arqueologia, construído em 1995, em parceria com Furnas Centrais Elétricas S. A., integra um anexo ao Museu, e tem nas proximidades o Miniauditório e outros espaços que compõem a infraestrutura de guarda e apoio ao atendimento público.

PAINEL 2 - DEIXE O SEU RECADO

Este painel foi construído para se estabelecer um diálogo com o público que visita o Museu Antropológico, buscando o envolvimento dessas pessoas, como atores responsáveis pelos caminhos que conduzirão o Museu Antropológico nos próximos anos. Deixe o seu recado!

"... Sem a presença de observadores, observadores que sejam alunos, observadores que sejam técnicos no desenvolvimento do trabalho, e as escolas e o público em geral, quer dizer, o Museu só existe como pretensão de organizar um discurso ou organizar um conhecimento que seja. Depois é visto e conhecido por um público seja ele qual for, quer dizer, em princípio interessado". " (Entrevista concedida por Edna Luísa de Melo Taveira, à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 18 de outubro de 2010, p. 57).

PAINEL 3A - CONSTRUINDO E COMPARTILHANDO CONHECIMENTO

Primeira coleção

A primeira coleção do Museu Antropológico, datada de 1969, foi constituída sob os cuidados do Dr. Acary de Passos Oliveira, antes de tornar-se diretor do Órgão, e dos professores Vivaldo Vieira da Silva, Antônio Theodoro da Silva Neiva, Pe. José Pereira de Maria e Pe. Xavier Enciso que, juntos, promoveram uma viagem pelos grupos indígenas do Parque Indígena do Xingu.

Panela, vaso, cuia, pote, arco, cesto, flauta, flecha, canitar, rabo de sucuri, borduna, rede, peneira, adorno, propulsor e uluri, resultantes de coleta, compra e troca, foram incorporados ao Museu Antropológico para formar a coleção 69.01, composta por um total de 38 objetos, representativos das etnias indígenas Waurá, Kamayurá, Kalapálo, Mehináku, Txukarramãe, Txikão, Kayabi, Yawalapiti e Kuikuru.

Ampliando e diversificando as coleções

O Museu Antropológico, nos seus 45 anos de criação, teve um coordenador e seis diretores: Dr. Acary de Passos Oliveira, coordenador entre os anos de 1969 a 1971 e diretor de 1971 a 1982; professora Edna Luísa de Melo Taveira, de 1982 a 1998; professora Judite Ivanir Breda (diretora pró-têmpore), de 03/02 a 27/04/1994; professor Marco Antônio Lazarin, de 1998 a 2002; professora Dilamar Candida Martins, de 2002 a 2006; professora Nei Clara de Lima, de 2006 a 2014, os quais, cada um a seu modo, e de acordo com as reflexões e demandas do seu tempo, além da própria formação acadêmica, foram responsáveis pela ampliação e diversificação das coleções, contribuindo para os processos de crescimento, de visibilidade e consolidação do Órgão, nos campos da pesquisa, do ensino e da extensão universitária.

A ampliação e a diversificação das coleções ocorre ainda no período de gestão do Dr. Acary de Passos Oliveira, com a inserção das pesquisas arqueológicas e o início do Setor de Arqueologia. Iniciativas pioneiras, a partir da década de 1970, e referências no campo da pesquisa arqueológica, na área de museologia, envolvendo tratamento de acervo passam a ser buscadas visando a preparação de recursos humanos e a consolidação do Museu Antropológico. Surgem, no período, os primeiros convênios de cooperação científica com outras instituições nacionais.

Esse processo intensificou-se, entretanto, a partir a gestão da professora Edna Luísa de Melo Taveira, e teve continuidade com os demais gestores. Além da preparação de recursos humanos, foram realizados eventos científicos, voltados para a reflexão dos

museus universitários, incrementadas estratégias de difusão dos resultados das pesquisas, nos diversos campos da Antropologia e de suas interfaces disciplinares.

A elaboração e montagem de mostras expositivas de curta e longa duração deram destaque e visibilidade ao Órgão. Estratégias relevantes para o aparelhamento técnico das Coordenações de Antropologia, Museologia e Intercâmbio Cultural foram envidados. O Laboratório de Conservação e Restauro foi estruturado e a Reserva Técnica Etnográfica foi aparelhada, seguindo orientações da museologia científica. O Laboratório de Arqueologia e a Reserva Técnica de Arqueologia - Salas Judite Ivanir Breda tornaram-se referência nacional, possibilitando a realização de estudos especializados e a guarda do acervo originado da pesquisa arqueológica, a partir de 1995.

Ao completar 45 anos de criação, o Museu Antropológico da UFG é referência nacional e internacional no campo museológico, destacando-se nos vários campos do conhecimento antropológico, da conservação e restauro e na organização de acervos.

As iniciativas pioneiras que permitiram a ampliação e a diversificação das coleções criaram uma base sólida. Os esforços coletivos e a sua relação histórica com as Ciências Sociais culminaram na criação do curso de graduação em Museologia em 2009. Este fato demonstra como o Museu Antropológico continua cumprindo a sua missão na produção de conhecimento, na formação de recursos humanos e na difusão do patrimônio cultural brasileiro.

PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DO CONHECIMENTO

A produção e a difusão do conhecimento foram sempre objetivos do Museu Antropológico. Os estágios, cursos locais de atualização, aperfeiçoamento, especialização, as buscas pelos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado) possibilitaram o aperfeiçoamento teórico-prático contínuo, como também permitiram o seu reconhecimento como centro aglutinador de agentes multiplicadores.

Por meio de projetos de pesquisa, o Museu Antropológico atua também como um vetor para a consolidação de conhecimentos, e para a filiação de profissionais e estudantes de diferentes áreas do saber a caminho da pesquisa científica e da interdisciplinaridade.

A relevância e credibilidade do Museu Antropológico em programas de pesquisa, está refletida na cooperação nacional de diversas instituições de ensino superior, e consolida-se na proteção e gestão do patrimônio cultural.

A divulgação do conhecimento para a sociedade em geral é feita a partir da organização e análise dos dados de diversas pesquisas realizadas pelo Órgão, cujos resultados passam a ser instrumentos de gestão e da democratização do saber.

O Museu Antropológico é responsável pela elaboração, montagem e pelo intercâmbio nacional, com o recebimento de mostras expositivas de outros e do próprio Estado, totalizando a exibição de cerca de 35 exposições (curta e longa duração), atingindo um público constituído por mais de 75.300 visitantes.

PAINEL 3B - OS ANSEIOS E OS DESAFIOS NO PRESENTE

O Museu Antropológico particulariza-se pela prática da curadoria, com ações de estudo e documentação; formação e ampliação de coleções, em consonância com as suas principais linhas de pesquisa; conservação e restauração. A esses procedimentos se associam as atividades de preparação de recursos humanos e as de cunho educativo não-formal, abrangendo exposições e outras iniciativas científicas e culturais, direcionadas à segmentos de público diferenciados que, de forma espontânea ou agendada, frequentam os seus espaços e participam do seu cotidiano. Entretanto, os processos de integração do Museu à Universidade e, particularmente, as modificações institucionais mais recentes colocam em evidência anseios e desafios que são inerentes à instituição, no presente.

Em seus 45 anos de existência, professores, estudantes e técnico-administrativos em Educação deram seguidas mostras de vigor para o trabalho, comprometimento institucional e social, as quais estão presentes em toda a produção científica do Órgão e no seu envolvimento com os mais diversos setores da sociedade goiana, tanto na Capital quanto no interior. As atividades de pesquisa, ensino e extensão executadas nas áreas de atuação do Museu Antropológico continuarão, certamente, a ser uma demanda da sociedade. Entre os diversos princípios defendidos, o Museu deverá estar preparado para responder a essas demandas, sobretudo aquelas advindas de setores economicamente mais vulneráveis. Entretanto, o Museu Antropológico ainda padece pelas demandas locacionais que provocam perdas e danos ao espaço já reduzido e não planejado, onde as adequações, muitas das vezes, não atendem as necessidades impostas pela prática da pesquisa, da curadoria, guarda do acervo, e de atendimento ao público. Por outro lado, as atividades de preparação e expansão nos seus vários campos de atuação são necessidades urgentes conclamadas para seu corpo técnico. Nessa linha, tornam-se urgente reflexões sobre o que a comunidade universitária e a sociedade em geral querem **para** e **do** Museu Antropológico, na continuidade de sua trajetória.

Um Museu pra quê?

Para quem?

Onde?

Como?

O Museu Antropológico é de todos nós. Mas é, antes de tudo, do cidadão goiano. Um legado da sociedade brasileira, com um percurso de conquistas e reconhecimento científico, criado para guardar, preservar e difundir lembranças, memórias, patrimônios...

Participe!

Deixe seu recado!

Cena 1 – Penumbra

Imagens da professora Lena deste período

Voz Feminina - Lena Castello Branco Ferreira Costa

"Em 1969 eu fui convidada pelo então Reitor da Universidade, professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, para assumir a direção pró-tempore do Instituto de Ciências Humanas e Letras, o antigo ICHL, que tinha sido criado a partir da reforma universitária de 1968 ... O ICHL era, na época, a maior unidade da Universidade Federal de Goiás, porque congregava os cursos de Ciências Sociais, de História, de Letras, nas suas diversas modalidades, e de Jornalismo... Eu, por uma questão de afinidade pessoal, era muito amiga do Professor Acary de Passos Oliveira... eu fui nomeada diretora, me veio a ideia de chamar o Dr. Acary para trabalhar na Universidade, com vistas a que ele trouxesse para a Universidade não só sua experiência, a sua vivência como sertanista, como colecionador, como entusiasta das culturas indígenas, mas também, quem sabe, uma doação de peças que ele pudesse eventualmente trazer pra Universidade. Então, já sendo Reitor da Universidade, se não me engano, o professor Farnese - eu não sei se ele já tinha assumido o cargo de Reitor - eu levei essa sugestão, houve boa acolhida e eu fui autorizada a fazer um contato preliminar com o Dr. Acary, para ver se ele aceitaria colaborar com a Universidade... O Dr. Acary foi à Reitoria e entrou em contato com o Reitor... e foi feita a contratação... nós tínhamos pressa em começar a trabalhar para que se viabilizasse a criação do Museu Antropológico" (Entrevista concedida por Lena Castello Branco Ferreira Costa à Welbia Carla Dias, no Museu Antropológico, em 22 de novembro de 2010, p. 95/6).

Cena 2 – Fotos e Imagens do Acary

Voz Masculina - Acary

" Se existe um lugar legítimo e necessário para os estudos, à formação de pessoal e à documentação de material etnográfico, folclórico e arqueológico, este, com a sua modesta biblioteca acrescida de 45 novos volumes recebidos no ano em curso do exterior, pelo regime de troca, e de mais algumas dezenas de publicações nacionais, acreditamos que, apesar de suas condições ainda bastante precárias na execução de trabalho científico, o Museu Antropológico tenha cumprido, até agora, com a missão que justificou a sua criação na UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS". (Acary de Passos Oliveira, Relatório de Atividades, 1976, p. 1).

Cena 3 – Diálogo entre Lena e Acary

Imagem do Acary e a Lena juntos

Voz Feminina - "... Então eu coloquei o Dr. Acary em contato com os professores de Antropologia e Ciências Sociais... Então começamos a pensar, junto com os professores de Antropologia do Departamento, que na época eram muito poucos" (Entrevista concedida por Lena Castello Branco Ferreira à Welbia Carla Dias, no Museu Antropológico, em 22 de novembro de 2010, p. 96).

Voz Masculina - " A Universidade Federal de Goiás pelos importantes objetivos que nortearam sua fundação e justificam sua existência... não podia permanecer indiferente à criação de um museu antropológico que desempenhasse o papel de verdadeiro laboratório das ciências humanas ou sociais..." (Acary de Passos Oliveira, 1978).

Cena 4 – Imagem das diferentes sedes do museu

Voz Feminina

"... Eu peguei ainda uma época que o Museu Antropológico era na antiga Enfermagem, antigo prédio da Enfermagem, na época do professor Acary, como aluna, eu fazendo curso lá. Então eu conheci o Museu com aquelas vitrines, as pontas de flecha, não tinha muita arqueologia na época, eram pesquisas esporádicas do professor Acary indo para a Ilha do Bananal, fazendo pesquisa em Paraúna com a Iluska Simonsen, atrás das pirâmides pedidas... E depois o Museu mudou para o Lago das Rosas..." (Entrevista concedida por Irmhild Wust, à Welbia Carla Dias e Rosani Moreira Leitão, na Residência da Entrevistada (Pirenópolis - GO), em 05 de novembro de 2010, p. 61).

"... O professor Acary sempre tinha vontade de mudar, aí teve uma ocasião que o pessoal da Polícia Federal, do prédio, queria o prédio. Aí ele mudou para o Lago das Rosas, lá perto da Rádio Universitária." (Entrevista concedida por Ivanir de Souza Neves, à Welbia Carla Dias, no Museu Antropológico, em 04 de novembro de 2010, p. 69).

Cena 5 – Fotos do Museu em sua atual sede

Voz Masculina

"... Então, com a ampliação do espaço o Museu de fato ganhou vida, mais vida. Já tinha, mas ganhou mais vida, o que faz com que, de fato, a universidade tenha se enriquecido. Porque sem o Museu funcionando a Universidade não tem muito sentido, a ela compete cuidar da preservação da cultura. Como é que vai fazer isso sem a etnografia, sem essas áreas ligadas às pesquisas etnológicas e tal, que mantém viva a cultura de um povo?"... (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 77).

"... A transferência do Museu de lá para cá foi vista com tanta satisfação e euforia que as coisas foram facilitadas, não houve nenhuma reação negativa... No caso do Museu foi ao contrário, foi a vinda para um lugar melhor e lá, de fato, não havia espaço para o Museu viver, ao lado da rádio ali, um pequeno lugar, de difícil acesso, inclusive, fora do ambiente universitário. Mas então foi uma composição que se fez com prazer e com alegria, para um lugar muito maior, muito bem situado. (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 80).

Parede Painei 1 b (Parede da Direita)

" ... Pois é, a origem do Museu foi no Departamento de Antropologia e isso deve ter ocorrido, se não me falha a memória, por volta de 1970, porque a viagem desse grupo foi em [mil, novecentos e] sessenta e oito, sessenta e nove, do professor Acary. E a proposta surgiu então em decorrência da importância desse impacto dessa visita, universidade ... (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 78).

"... Quer dizer, não fosse essa iniciativa da professora Lena Castello Branco, possivelmente o professor Acary não teria vindo para o nosso meio, não fosse ele ter vindo para o nosso meio é claro que o Museu teria sido criado, mas não talvez naquela época e nem talvez já apresentando tal monta de serviços". (Entrevista concedida por Juarez Costa Barbosa à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 12 de janeiro de 2011, p. 87).

" E o Museu é um espaço de discussão totalmente inusitado para quem estava envolvido na discussão político-econômica da época, e era um espaço que projetou a Universidade Federal internacionalmente. Muitas universidades da Europa e algumas universidades fora da Europa, nas Américas, nos Estados Unidos, se interessaram pela Universidade Federal como órgão com quem ter intercâmbio por causa da existência do Museu. A existência do Museu estampou a Universidade Federal fora do cenário brasileiro, estampou no cenário brasileiro também..." (Entrevista concedida por Denize Farah à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 11 de outubro de 2010, p. 35).

" ... o prédio da Polícia Federal. Lá era um prédio espaçoso em termos, não tinha tantas peças assim, e eram acondicionadas por matéria-prima..." (Entrevista concedida por Ivanir de Souza Neves, à Welbia Carla Dias, no Museu Antropológico, em 04 de novembro de 2010, p. 67).

"... nós conseguimos criar espaços para trazer o Museu para um lugar mais próximo da convivência universitária, e se instalou aqui em três andares, se não me falha a memória, o primeiro, o segundo e uma parte do terceiro." (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 76).

" Olha o Museu mudou muito, mudou fisicamente muito. Ele era ali, depois passou para aqui, depois ele voltou para ali, voltou para aqui, tinha um espaço que não era apropriado aí houve muita luta pra conseguir-se um espaço apropriado, coma as luzes certas, com a ventilação certa, sem os cupins e tudo aquilo". (Entrevista concedida por Denize Farah à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 11 de outubro de 2010, p. 36).

Parede Painei 3A – Parede da Esquerda

" Eles visitaram o Xingu, o Acary era um sertanista que, inclusive falava algumas línguas indígenas e tal, e tinha uma desenvoltura muito grande com essas pesquisas. E eles trouxeram o que se constituiu no primeiro acervo propriamente dito do Museu, como resultado dessa viagem ao Xingu, desse grupo dos quatro." (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 75)

"... Eu acho que o primeiro passo na Universidade foi dado com o Museu Antropológico e o Museu tem

sido muito feliz, porque através da sua trajetória tem tido grandes diretores, todos meus amigos, e todos que aqui ocuparam essa cadeira o fizeram por merecimento, ninguém aqui até hoje foi um oportunista. Todos trabalharam com amor, com dedicação, por paixão, no sentido hegeliano do termo". (Entrevista concedida por Juarez Costa Barbosa, à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 11 de janeiro de 2011, p. 89).

"... tinha um outro professor do Paraná dando curso também, isso foi em setenta e dois, na mesma época, o professor Igor. Ele deu um curso, fez um trabalho de campo, publicou, mas ficou só nisso. Aí vieram, na Federal, no Museu Antropológico, isso na época do professor Acary Passos, vieram vários professores do Rio, veio o Alfredo Mendonça, aí começaram projetos da Iluska Simonsen, em setenta e seis, e a professora Margarida, então teve vários projetos na própria Federal, no Museu, e às vezes esses professores deram cursos..." (Entrevista concedida por Irmhild Wust, à Welbia Carla Dias e Rosani Moreira Leitão, na Residência da Entrevistada (Pirenópolis - GO), em 05 de novembro de 2010, p. 59).

" ... Os cursos começaram quando a professora Edna começou a trabalhar aqui. Aí ela e a professora Judite começaram a pedir os cursos. A professora Edna conhecia pessoas de outros Museus que eram formados e começou esses cursos, aí eles começaram. O primeiro curso que a gente teve foi de higienização do acervo, feito com o professor Geraldo Pitaguari..." (Entrevista concedida por Ivanir de Souza Neves, à Welbia Carla Dias, no Museu Antropológico, em 04 de novembro de 2010, p. 69).

" O Museu é um grande laboratório da Antropologia... " (Entrevista concedida por Edna Luísa de Melo Taveira, à Marisa Damas Vieira, no Museu Antropológico, em 18 de outubro de 2010, p. 56).

"Desejo que o Museu, como certamente vai acontecer, continue se desenvolvendo, crescendo e ganhando cada dia mais o respeito de todos da universidade, da cidade". (Entrevista concedida por Joel Pimentel de Ulhôa, à Nei Clara de Lima, no Museu Antropológico, em 16 de novembro de 2010, p. 81).

